



*«(...) aquilo que os gregos chamam alêtheia,
a desocultação, o descobrimento.
Aquele olhar que às vezes está pintado
à proa dos barcos.»*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Título original: *I chose freedom* • © Alêtheia Editores e Instituto Mais Liberdade | • Adaptação e edição da tradução brasileira de Maria Helena Senise por Alêtheia Editores. • Pré-edição de Ana Breda, Miguel Canas, Raquel Correia, João Costa, Tabata Dias, Rodrigo Ferreira, José Garrido, Alexandra Mendes, Ricardo Oliveira, Matilde Pinto, Nuno Quintão, Luís Reis, David Rito, Natacha Santos, Viktoriya Syngayivska, Igor Veloso e Pedro Almeida Jorge (coordenação) • Zona Industrial da Ponte Seca, 2510-752 Gaeiras – Óbidos • Tel.: (+351) 21 093 97 48/49 • E-mail: aletheia@aletheia.pt • www.aletheia.pt • Capa e paginação: Marta Nunes • ISBN: 978-989-9077-57-7 • Depósito Legal: • maio 2022

ESCOLHI A LIBERDADE

A VIDA PRIVADA E POLÍTICA

DE UM FUNCIONÁRIO SOVIÉTICO

Victor Kravchenko



CAPÍTULO 19

ENQUANTO SE ESCREVE A HISTÓRIA

Quando relembro a minha estadia nos Urais, cheia de recordações odiosas, um episódio sombrio domina tudo o resto pois, veio a recentrar uma burla de que foi vítima a opinião pública russa, uma extravagante burla em que convergiram pequenos e altos funcionários, em Moscovo e em Pervouralsk, para juntos enganarem a opinião pública. Fizeram-no de um modo tão hábil, encobrendo com tanta astúcia as suas mentiras, que até agora “a grande vitória do projecto de Novo-Trubni” é citada como exemplo das maravilhas operadas pelo entusiasmo socialista.

A situação começou com a chegada espalhafatosa, ao nosso desordenado posto avançado dos Urais, de uma brigada de elementos preponderantes de Moscovo, com instruções para aplicar padrões stakhanovistas à nossa indústria de canos. Agora que estávamos a produzir 85% do normal, um grande empurrão em estilo moscovita poderia levar-nos a 100% ou mais. Onde há vontade, há um caminho. Não há baluarte que os bolcheviques não possam alcançar. O trabalho em grupo conseguirá tudo. Todos juntos, camaradas, pelo nosso Líder e Mestre...

Antes de deixar a capital, a brigada de activistas tinha sido recebida pelo Comissário Lazar Kaganovich, na presença da imprensa. Chegaram a Pervouralsk armados de poderes extraordinários e enfatuados com uma petulante ignorância dos nossos programas. O ritmo de produção, que tinha conseguido com tanto esforço, baixou subitamente. A brigada convocou “meetings” populares e conferências técnicas e sujeitou-nos a longas e agitadas arengas. As paredes dos nossos escritórios e oficinas, salas de refeição e de recreio encheram-se bruscamente de rubros slogans. De um momento para o outro, ninguém mais conversava, toda a gente berrava.

Os operários sacudiam os ombros e calavam-se reagindo ao clamor. Os engenheiros, porém, e os contramestres passaram a um frenesim nervoso. Ontem mesmo éramos elogiados por ter alcançado 85, e de imediato caía sobre nós uma pressão externa para nos levar aos 100%. Ficávamos ressentidos pela censura implícita. O director Osadchi passeava, com um ar macambúzio.

“Temos de fazer alguma coisa de drástico, Victor Andreyevich”, suspirou. “A imprensa de Moscovo está a fazer um grande barulho com essa exibição stakhanovista e nós não podemos de modo algum falhar. As nossas cabeças, tanto a minha como a sua, estão a prémio”.

Osadchi era um tipo de director de fábrica muito comum no nosso país. Nele, o político precedia sempre o engenheiro. O louvor oficial impressionava-o mais

do que a produção real; os “registros” mais do que a realidade. O que lhe faltava em conhecimentos técnicos sobrava-lhe em “relações importantes” nas altas esferas. Era uma boa amostra de um sibarita, com um fraco especial pelas pequenas de Sverdlovsk.

“Mas que podemos fazer?” respondi.

“Sabe tão bem como eu que é impossível conseguir mais do que o que estamos a fazer. A eloquência não substitui nem ferramentas nem matéria-prima”.

Osadchi, porém, já tinha em mente um plano brilhante. Pediu-me que lhe fornecesse uma relação detalhada das existências de canos empilhados nos nossos armazéns. A quantidade, parece, era considerável. Havia, por exemplo, as reservas produzidas sem ordens especiais no ano precedente. Dei-lhe os números pedidos.

Só mais tarde vim a perceber por que motivo precisava ele dessa informação e fiquei horrorizado. Osadchi, de convivência com a brigada, mandou um enviado especial a Moscovo, que chegou a um acordo secreto com Kozhevnikov, agora à cabeça do Glavtrubostal. Kozhevnikov que, por sua vez, se arranjou com a Administração Central dos suprimentos de Metal para Indústrias. O nosso emissário voltou a Pervouralsk com uma lista de pedidos de vários tipos de canos a serem produzidos para reserva e destinados a vários pontos do país.

Por uma espantosa coincidência, os pedidos referiam-se precisamente à espécie e qualidade de canos que tínhamos guardados. Bastava limpá-los, lubrificá-los, encaixotar o material e creditá-lo à produção corrente! Uma hábil escrituração poria tudo em dia, ou, para ser mais explícito, em mês. Era uma fraude refinada. Porém, Osadchi, o Comité Local, o Comité Regional, os homens da brigada, todos esses ficaram encantados e todos pretenderam não ter percebido o embuste. Só os tchequistas arregaçaram as mangas, sabendo que essa fraude lhes dava um trunfo sobre alguns membros da “elite” industrial da sua zona. A vitória – não apenas de 100%, mas de qualquer percentagem que quisessem – estava garantida.

O grande mês, Junho, chegou. Desde o início, os totais diários eram mantidos em brilhante “nível stakhanovista”. “Mantenham o esforço!” diziam as mensagens que me eram dirigidas de Moscovo. Fizemo-lo com toda a energia; mas nem uma palavra transpirou sobre o facto de que, nalguns dias, mais de 25% da pretensa produção era fraudulenta e composta de canos armazenados. Os chefes de serviço e os operários não se deixaram iludir. Liam as narrativas diárias e semanais, mas sabiam a verdade.

À medida que o mês se aproximava do seu fim, a satisfação dos conspiradores adquiriu um toque de angústia. Ficaram um tanto alarmados pela esperteza, especialmente pelo “êxito espectacular” que a sua actuação estava a receber nos jornais e no próprio ambiente. Cada um deles compreendeu que, mais dia menos dia, a fraude poderia ser-lhes imputada como intenção de enganar o Governo e o Partido. Viviam acabrunhados – os brigadeiros de Moscovo e os funcionários locais – por um sentimento de culpa comum e de perigo colectivo.

Recusei-me decididamente a ser arrastado para o meio deles. Convenci-me de que, tudo bem considerado, ficava muito mais resguardado se não partici-

passasse nesses malabarismos de números. Estava bem ciente, em particular, de que as somas artificialmente altas de Junho constituiriam para mim um nível impossível de atingir nos meses futuros. Como se aproximava o fim do grande mês stakhanovista, consultei os principais documentos e elaborei um relatório completo expondo a manobra. Dirigi-me ao Comissário Kaganovich, a Kozhevnikov no Gravtrubostal, a Osadchi e ao camarada Dovbenko, Secretário do Comité da cidade de Pervouralsk, guardando cópias para minha garantia pessoal, como segurança para o futuro.

Osadchi e Dovbenko ficaram literalmente apavorados. Como vim a saber, telefonaram imediatamente aos seus comparsas no Gravtrubostal em Moscovo. Garantidos pelo apoio superior de que dispunham intimaram-me a comparecer no Comité Local.

“Está louco, Kravchenko?” – gritou Dovbenko. “Tudo está a caminhar de modo esplêndido; Kaganovich está entusiasmado com o nosso progresso e você quer pôr uma pedra nos carris. Que importa que empreguemos um ou dois truques, se o nosso fim é levantar o moral das massas trabalhadoras? Será o caso de você não ter nenhum sentido de dever?”

Enfurecido, percorria a passos largos o seu escritório. Osadchi mordida os lábios para dominar a sua cólera.

“Sinto muito discordar de si”, disse eu. “Não participarei no seu plano e não quero arcar com qualquer responsabilidade. Lembro-lhe que, depois de passado todo este barulho, voltaremos à antiga percentagem e seremos censurados por não atingir o nível de Junho”.

“Com todos os demónios, as pontes são atravessadas quando são encontradas”, esbracejou Dovbenko. “Você está a ir por um caminho perigoso, Kravchenko, sobrepondo a sua opinião à de toda a gente. Está a desacreditar a equipa enviada pelo Comissário, por um membro do Politburo! Isso significa brincar com o fogo”.

“Há ocasiões em que o excesso de honestidade representa excesso de estupidez”, acrescentou Osadchi. “É preciso saber viver”.

Recusei-me a retirar o relatório.

Pouco depois terminava o grande mês, com a gloriosa produção total de 114%! Moscovo, Sverdlovsk, Pervouralsk deliraram com a vitória. Narrativas do “magnífico triunfo” na fábrica Novo-Trubni encheram a imprensa. Na manhã de 1.º de Julho recebi um telegrama de Moscovo. “Parabéns pela grande vitória. Participamos da sua grande felicidade. Autorizamos-lo a distribuir prémios individuais aos operários. Esperamos que, de agora em diante, a fábrica continue a ultrapassar com regularidade a sua produção normal”.

Repórteres vieram de avião de Moscovo e de automóvel de Sverdlovsk para descrever o milagre de stakhanovismo em acção. A Novo-Trubni, que vinha sendo mantida num nível de 35 a 40% pela administração incapaz apenas há poucos meses, mantinha-se agora orgulhosamente a 114% sob a direcção do seu

novo chefe e leal bolchevique, o camarada Kravchenko! Delegações de outras fábricas de Pervouralsk vieram felicitar os seus camaradas vitoriosos.

Por toda a parte a alegria imperava, mas havia desespero no meu coração. Tinham-me feito participar sem eu querer numa fraude e arrastado para a posição de aceitar agradecimentos e remunerações em dinheiro pela minha participação no sucesso. Por detrás de portas fechadas, com o auxílio dos meus três assistentes e do guarda-livros chefe, calculei a produção real do mês. Sem a “produção” espúria tirada dos armazéns, o nível alcançou 87%, isto é, um pouco mais do que o normal. Meia dúzia de vezes fui interrompido, durante este triste exercício de aritmética, por telefonemas interurbanos de parabéns. Os telegramas de louvor continuavam a empilhar-se. Um deles era do próprio Kaganovich.

Nessa mesma noite comecei a organizar um relatório cuidadoso e muito especificado sobre a fraude, dirigido a Kaganovich.

Nesse meio tempo, foi convocado um “meeting” de toda a fábrica para celebrar o êxito. Uma plataforma, toda drapejada de vermelho, foi levantada nos terrenos da fábrica e enfeitada com enormes retratos dos chefes do Kremlin. Uma banda tocava sem cessar. Milhares de operários e funcionários – muitos dos quais perfeitamente a par da fraude – aglomeravam-se em frente ao estrado. Julguei entrever certa ironia intencional no calor exagerado dos seus aplausos e no volume dos seus hurras, quando discursaram Osadchi, Dovbenko, representantes locais do Partido e finalmente chefes de Brigada.

Osadchi leu algumas mensagens de congratulações. Pela exibição maravilhosa desse mês, disse, os operários tinham confundido os cépticos e os críticos. Tinha sido uma resposta ameaçadora aos imundos sabotadores e derrotistas. Neste ponto, ergueu a voz: “Vida longa para o nosso Partido e para o seu querido e venerado Chefe, Mestre, Pai e camarada nosso, o camarada Estaline! Hurra, camaradas!”

“Hurra!” responderam milhares de vozes e a banda atacou a *Internacional*.

Estava de pé no palanque e já me felicitava por ter escapado à provação de um discurso. Dovbenko, porém, tinha a intenção evidente de me obrigar a participar publicamente na “vitória”.

“E agora”, anunciou, “vamos ouvir o camarada cuja chefia foi tão valiosa para alcançar o glorioso total de 114% – o camarada Kravchenko!”

Levantei-me. Não fiz referência alguma à produção de Junho, falando em vez disso dos problemas difíceis que se apresentavam à nossa frente e da necessidade de um esforço contínuo e organizado. Agradei aos operários pelo que *eles* tinham feito e acentuei que um ímpeto ocasional de energia não era suficiente e que a intensidade devia ser contínua. Recebi uma enorme ovação e deixei o palanque com o sentimento de que ao menos alguns dos meus ouvintes me tinham compreendido.

O “meeting” terminou com a entrega de uma Bandeira Vermelha à minha fábrica, que aceitei sem um sorriso das mãos do Delegado Regional. Ao chegar a Moscovo, a Brigada foi recebida em audiência pelo Comissário, novamente sob os olhos da imprensa. Foi condecorada e gratificada com remunerações. O jornal *Pela Industrialização* dedicou uma página inteira ao milagre de Novo-Trubni e outros

jornais dedicaram-lhe as suas bênçãos editoriais. Ainda estava a receber telegramas de louvor quando enviei pelo correio o meu relatório a Lazar Kaganovich.

Algumas semanas mais tarde arranjei uma desculpa para ir a Moscovo, com a esperança de pôr o Glavtrubostal a meu favor naquilo que temia ver em breve explodir como um escândalo nacional. Kozhevnikov não escondeu o seu descontentamento comigo; como um dos principais organizadores da fraude, a sua carreira estava em jogo.

“Procure compreender-me”, pedi. “Como poderei enfrentar os operários e o corpo técnico da fábrica, quando todos souberem ou suspeitarem que a grande vitória foi apenas uma grande mistificação? Sabe perfeitamente que não podemos de forma alguma alcançar nos próximos meses esse ‘recorde’ artificial. Os operários não ganharão nada com isso. Para que serve toda essa história?”

“Descanse, Victor Kravchenko”, replicou secamente; “a sua atitude se assim me posso exprimir, é muito ingénua. É preciso considerar essa coisa nas suas repercussões remotas. Se o Partido julga necessário popularizar um certo género de actividade – neste caso o stakhanovismo – torna-se uma necessidade política, no qual o fim justifica todos os meios. O seu alarme não tem sentido”.

“Não creio que tenha razão”, insisti. “Não podemos construir nada sobre uma base de mentiras. Elas acabarão por cair sobre nós mesmos”.

Kozhevnikov começava a perder a paciência.

“Vou dar-lhe um conselho, camarada Kravchenko. Deixe de fazer barulho em torno desse assunto ou acabará mal”.

Dirigi-me então ao redactor do *Pela Industrialização*. Mostrou-se horrorizado quando lhe exhibi os dados relativos à fraude e insisti comigo para que escrevesse um artigo antes de deixar Moscovo. Foi o que fiz, endereçando-o ao *Pravda*. Nunca mais ouvi falar desses jornais nem mesmo de Kaganovich.

De regresso à fábrica, encontrei os operários, contramestres e técnicos inferiores num estado de ressentimento sombrio. Tinham falado muito em gratificações. Essa gente, entretanto, foi paga apenas na base da produção efectiva. Como não tinham de facto produzido mais do que o costume, a sua única recompensa foi uma participação no barulho e a Bandeira Vermelha. A administração, porém, incluídos Osadchi e eu, recebeu gratificações consideráveis: 150% sobre os nossos salários básicos. Com isso, os meus vencimentos de Junho ultrapassaram 4 000 rublos – uma recompensa considerável por uma mistificação que em vão tentara desmascarar.

Ecos dos meus esforços em Moscovo tinham chegado a Pervouralsk e os funcionários estavam em estado de fúria assassina. No Comité Local – especialmente em presença de Parshin, do NKVD – fui acusado de “estragar o seu prestígio”. Porque procurava atrapalhá-los? Porque soprava um fogo que já se tinha apagado?

Passaram-se meses até que esses funcionários e colegas de fábrica esquecessem a minha traição e sorrissem de novo para mim. Eu, porém, não me arrependi do que tinha feito. O que quer que sucedesse, a minha reputação estava a salvo. Na realidade, nada aconteceu. Havia demasiados burocratas influentes envolvidos nesse exemplo de charlatanismo. A “magnífica vitória” passou a verdade histórica.

2

A publicação, em 1938, de uma nova e oficial *História do Partido Comunista* marcou a atenuação da grande depuração.

Não quero dizer que o terror tivesse cessado, que os *Corvos Negros* permanecessem inativos. Prisões “normais”, execuções sem julgamento, exílio arbitrário de “elementos indesejáveis”, cujo trabalho era necessário em regiões abandonadas, torturas e inquirições, tudo isso continuava. A população dos campos de concentração e das colónias de trabalho forçado continuava a aumentar como nunca. Entre os membros mais chegados ao trono do Kremlin, estimativas sussurradas calculavam as forças de trabalho forçado em mais de 15 milhões; nos próximos anos o cálculo aproximar-se-ia de 20 milhões.

Quero apenas dizer que a campanha especializada para limpar o Partido e a burocracia, planeada depois do assassinato de Kirov, já estava agora quase completa. Não havia um escritório ou uma empresa, uma instituição económica ou cultural, um governo, um partido ou um centro militar que não estivesse quase todo em novas mãos. Se um conquistador estrangeiro se tivesse apoderado da estrutura da vida soviética e colocado à sua cabeça nova gente, a mudança teria sido dificilmente mais radical e cruel.

A magnitude do horror nunca foi suficientemente percebida pelo mundo exterior. Será talvez vasta demais para isso. A Rússia tornara-se num campo de batalha juncado de cadáveres, bloqueado de gigantescas clausuras, onde trabalhavam, sofriam e morriam milhares de desgraçados “prisioneiros de guerra”. Como pode, porém, o olhar do espírito abranger uma coisa tão vasta? Enxerga-se apenas este ou aquele recanto, julga-se o todo pelas partes. Consegui, através do Kremlin, obter alguns, poucos, números oficiais que não abrangem toda a realidade, apenas apontam a sua extensão e malignidade.

No Conselho dos Comissários do Povo, só Molotov ficou; todos os demais foram eliminados, presos ou transferidos. O Comité Central do Partido, teoricamente o coração e o espírito do grupo dominante, compreende 138 membros e suplentes; só um grupinho ficou, depois da passagem da grande depuração. Dos 757 membros do *Tzik*, Comité Executivo Central da URSS (mais tarde Soviete Supremo) – por vezes descrito no estrangeiro como o Parlamento russo – só algumas dezenas sobreviveram à chacina. A ruína ainda foi mais sangrenta nas chamadas “repúblicas” e regiões autónomas. Sem excepção, os administradores dos seus governos e das suas organizações partidárias foram liquidados por ordem de Moscovo – o que basta para provar a sua suposta autonomia. A indústria e a tecnologia, as artes e a educação, a imprensa e as forças armadas, tudo foi posto de pernas para o ar, sendo os seus chefes e personalidades mais eminentes fuzilados, presos, exilados, ou, na melhor das hipóteses, privados de influência.

Ao fixar os olhos nessa enormidade de horrores, somos tentados a concentrar-nos nas vítimas famosas e importantes; na verdade, o *progrom* estendeu-se por toda a população. No partido dominante, 1 800 000 membros e candidatos foram expul-

sos, o que representava mais de metade do total, e em muitos casos a expulsão representava ao internamento num campo de concentração ou coisa pior. Pelo menos 8 milhões, membros do Komsomol e pessoas não pertencentes ao Partido, foram liquidados – o que significa qualquer coisa entre execução, exílio ou transferência dos seus empregos.

Todavia, esses números colossais ainda não resumem a tragédia. São enormes, mas são frios. A sua própria magnitude os torna um tanto irrealis. É preciso pensar nessas vítimas não em termos impessoais, mas como indivíduos. É preciso lembrar que cada uma delas tinha parentes, amigos, dependentes que participavam nos seus sofrimentos; que cada uma delas tinha esperanças, planos, obras em curso que foram liquidadas. Para o historiador de amanhã, para o sociólogo de hoje, tudo isso é matéria de estatística. Mas para mim, que atravessei a tormenta, esses índices têm corpos, espíritos e almas, todos quais foram feridos, caluniados e humilhados.

Sei, além disso, que milhões dos que escaparam à depuração ficaram maculados no seu espírito e feridos na sua mente pelos horrores e brutalidades em que viveram. A bem dizer, nada sei de toda a história humana que possa ser comparado com essa perseguição intencional e impiedosa, na qual dezenas de milhares de russos sofreram directa ou indirectamente. Gengis Kahn era um amador, um principiante, comparado a Estaline. A gente do Kremlin tinha levado avante uma guerra implacável contra o seu próprio país e o seu próprio povo.

Foi o fim dessa longa guerra que ficou assinalado pelo aparecimento de uma nova história. Mostrou ser um documento provavelmente sem precedentes. Sem a menor vergonha, sem a mais leve explicação, elaborava uma revisão completa de meio século de história russa. Não quero apenas dizer que falsificava alguns factos ou dava uma nova interpretação aos acontecimentos. Quero dizer que deliberadamente punha a história de pernas para o ar, suprimindo acontecimentos ou inventando factos. Apresentava o passado recente – um passado ainda fresco na memória de milhões de pessoas – em formas novas e bizarras, para se adaptar à versão dos acontecimentos apresentada pelos sangrentos julgamentos da depuração e a subsequente propaganda.

Tratava-se de pura ficção, especiosa e sem consciência. Havia uma certa grandiloquência no seu cinismo integral, no seu desafio ao senso comum do povo russo. O papel das figuras históricas dominantes era deturpado ou totalmente eliminado. Para outros, inventavam-se novos papéis. Leon Trotski, um dos fundadores do Exército Vermelho, era apresentado como um agente corrupto de capitalistas estrangeiros, que tinha procurado vender o seu país, mancomunado com Rykov, Bukharin, Zinoviev, Kamenev, Bubnov, Krestinsky, Piatakov, e virtualmente todos os outros pais da Revolução Bolchevique. José Estaline naturalmente aparecia como único chefe dentro da Rússia antes da Revolução, e mais tarde como único companheiro de intimidade e confiança de Lenine. Todos os livros, artigos, documentos, material de museu – e isso quer dizer quase toda a documentação e escritos históricos e políticos – desapareceram do país!

Mais do que isto, as testemunhas vivas foram, quanto possível, suprimidas.

Toda a administração do Instituto Marx-Engels-Lenine de Moscovo, repositório de verdade ideológica, foi substituída, e os mais importantes membros presos ou fuzilados. O mesmo aconteceu noutras ramos do Instituto, em vários pontos do país. Sucede que tive conhecimento completo da história de uma das mais importantes figuras do Instituto, o Professor Sorin, e pareceu-me uma amostra típica de toda essa tragédia e vergonhosa era de imposição de falsidade.

Sorin, em certa época, fora publicamente denunciado por Estaline por ter ousado escrever que a “ditadura do proletariado” é idêntica, na Rússia, à “ditadura do Partido”. Depois disso, o culpado “confessou os seus erros” devidamente e ressurgiu como um dos mentores de Estaline em teoria marxista, fabricando discursos e artigos, a que Estaline dava o seu nome. Foi feito director assistente do Instituto Marx-Engels-Lenine, arranjou diligentemente documentos e citações para apoiar qualquer política que Estaline queria impor ao país e parecia tranquilamente ajustado ao ambiente.

Chegou, porém, um momento em que o dócil Sorin fracassou. Queriam que ele encontrasse e citasse trechos – mas ele foi além no seu zelo e *inventou* textos e *falsificou* citações. E foi assim que, no meio de uma noite de inverno, o camião do NKVD foi ao luxuoso apartamento do Professor Sorin e levou-o. Dele não restou sinal algum. A sua mulher e o filho foram expulsos de casa e entregues à própria sorte. Todos os livros, escritos e notas do Professor foram empalmados pelo NKVD. Outros membros do Instituto que sabiam demais da história e teoria do Comunismo para aceitarem a versão deturpada foram do mesmo modo remetidos ao silêncio, e entre eles o director-chefe Odoratsky. O chefe de divisão de propaganda do Partido, Statsky, foi preso. Milhares de outros das “frentes” histórica, política e literária foram relegados a um piedoso esquecimento. O caminho estava assim aberto para as falsificações sem limites nem medida.

Para gravar mais profundamente a vergonha nos nossos espíritos, o “estudo” da nova versão tornou-se obrigatório para todo o pessoal responsável do Partido. Durante esse período houve aulas de história quase todas as noites e conferencistas vieram de Sverdlovsk para a nossa cidade a fim de ajudar a impingir as mentiras, enquanto muitos de nós fervíamos de indignação recalçada. Tudo o que de dignidade humana ficara no nosso carácter era assim humilhado. Mas o facto é que a mais gigantesca das mentiras, ao fim de uma repetição infinita, acaba por criar raízes. Estaline sabia disso antes de Hitler o descobrir. À medida que conhecia melhor as coisas, descobria terríveis falsidades, a princípio aceites sob pressão e que aos poucos ficavam estabelecidas como “factos” indiscutíveis, especialmente entre os mais jovens, que não tinham nenhuma experiência pessoal em contrário para duvidarem.

No que concerne ao estrangeiro, deve destacar-se especialmente nessa história falsificada o que diz a introdução desse manual. “O estudo da história do Partido Comunista”, diz, “reforça a certeza da vitória final da grande tarefa do partido de Lenine-Estaline: a vitória do Comunismo em todo o mundo”. Salvo a nova acen-tuação do nacionalismo russo, essa directiva permanecia imutável. Mesmo quando

a Internacional Comunista foi dada como “abolida”, a certeza de uma revolução mundial estalinista não foi alterada nem afastada. A história ainda é oficial, não apenas para os comunistas da Rússia, mas para os comunistas da América, da Inglaterra, da China e de todo o mundo.

Tive de fazer uma “conferência”, durante uma fase dessa história do Partido, para os seus membros responsáveis no distrito de Pervouralsk. Participei na penosa farsa, só porque se tratava de uma ordem do Comité Local, a que não ousava desobedecer. O meu tema especial foi “O Partido Comunista na luta pela Colectivização Agrícola”. Enchi a memória de passagens adequadas da história oficial, li discursos de Estaline sobre o assunto, pus-me de pé perante um auditório à cunha, e durante mais de uma hora menti ininterruptamente.

Cada falsidade reabria as feridas mal cicatrizadas das minhas próprias experiências frustradas na tentativa de Colectivização e nos seus resultados negativos, que redundaram no período de fome. Parecia-me estar a fazer troça das crianças de ventre inchado entre as quais trabalhei e a violar os cadáveres que vi empilhados nas aldeias. Durante todo o tempo em que falei, não tive dúvida de que os meus ouvintes por sua vez sabiam que estava a mentir. Tanto os seus aplausos como as minhas palavras eram igualmente falsos; éramos outros tantos actores desempenhando os nossos papéis numa trágica farsa política. Porque me submeti, porque se submeteu o auditório a essa indignidade? Pelo mesmo motivo pelo qual se entrega a bolsa a um bandido que nos aponta a pistola. Que nenhum estranho, seguro dos seus direitos humanos, assumia uma atitude superior para com russos obrigados a fazer “conferências” como eu fiz e obrigados a aplaudir como fez o meu auditório.

Ao mesmo tempo que prosseguia a “educação” da gente do Partido e fora dele, na linha dessa história reescrita, os propagandistas oficiais começaram a acentuar dois pontos relativos a problemas internacionais. O primeiro deles foi uma descrição deturpada e unilateral da vida do mundo capitalista, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. O conferencista mostrava fotografias tiradas da imprensa estrangeira, nas quais os grevistas eram espancados pela polícia e os “paredistas” desempregados repelidos com lança-chamas, enquanto bombas de gás lacrimogénico eram atiradas contra o proletariado. Apresentado como um retrato completo do capitalismo, esse material fotográfico causou profunda impressão; parecia ser autêntico, documentado, irrefutável.

O segundo ponto era a citação de ataques contra a União Soviética, por estrangeiros hostis, onde eram lançadas observações insultuosas ou desdenhosas sobre o povo russo. Estes escritos esqueciam-se de estabelecer uma demarcação nítida entre o povo russo e o regime soviético. A dignidade humana, tanto como o orgulho nacional dos espectadores, ficaram feridos.

Merece menção outro resultado da grande depuração. Todo o comunista tem a sua carteira do Partido. É o seu passaporte pessoal, o seu diploma político. O livrinho, além de dados pessoais, leva a assinatura dos funcionários locais do Partido que o forneceram. Por terem sido depurados a maioria dos funcionários superiores do Partido, transpirou que muitos comunistas tinham o seu sagrado diploma

firmado por inimigos do povo. O Kremlin não podia tolerar esta nota irónica. Tendo em mira suprimir totalmente a letra e a memória dos mortos e prisioneiros, um novo registo de comunistas foi ordenado, nesse Outono de 1938. As carteiras assinadas pelos “inimigos do povo” suprimidos foram substituídas por novas.

O processo converteu-se numa nova depuração, embora de proporções reduzidas. Cada comunista teve de comparecer de novo perante comissões de três membros e ser submetido a um minucioso interrogatório. Além disso, as novas carteiras já não eram simples como costumavam ser; incluíam agora uma fotografia. Ainda mais, era entregue a cada comunista um folheto especial, em dois exemplares, contendo dados biográficos minuciosos, um resumo das suas actividades, recompensas, punições; um exemplar era depositado no seu Comité Local, o outro no Comité Central de Moscovo. Todo o processo parecia mais uma documentação policial do que um registo dos membros de uma organização política. Desvanecia-se assim a última pretensão de sermos participantes de uma associação voluntária de camaradas livres.

Para que não persistisse qualquer ilusão a esse respeito, foi estabelecida uma nova regra: desde então, sempre que um comunista quisesse deixar uma cidade ou região para se estabelecer noutra – mesmo que a mudança fosse por ordem superior – tinha de esperar por uma decisão formal do Comité Local autorizando a partida. O Partido dominante tornou-se assim uma outra prisão – dotada de conforto e de mil privilégios de que não gozavam os coabitantes de uma prisão maior chamada Rússia, mas ainda assim e apesar de tudo um lugar de reclusão.

Certo dia, quando o primeiro frio de um novo Inverno começou a ser sentido nos Urais, o Secretário Dovbenko informou-me que teria a honra de um lugar proeminente nas próximas “eleições” para o Soviete Supremo. O Comité Central do Partido escolheu o camarada Kuzmin como candidato à eleição pelo distrito de Pervouralsk para o Soviete Supremo, e eu ia ter o privilégio de apresentar formalmente este homem, numa grande reunião, ao eleitorado.

“Mas porquê Kuzmin?” perguntei. “Ele nunca viveu cá e ninguém aqui o conhece. Como vice-comissário para a Indústria Pesada, vive e trabalha em Moscovo; além disso, mal o conheço”.

As minhas objecções foram ignoradas. Estando a minha fábrica na ribalta como detentora de uma Bandeira Vermelha, fui considerado o homem indicado para recomendar Kuzmin aos eleitores. Era, naturalmente, o único candidato. Não passava pela cabeça de ninguém que pudesse haver um candidato de oposição, para enfrentar a escolha do Partido. Isso estava fora da experiência da nova geração.

Preparado com uma boa documentação sobre o “meu” candidato, levei várias noites a elaborar o discurso de indigitação. Em frases rituais de demagogia soviética louvei Kuzmin, um verdadeiro “filho do Partido do Povo”, pelos seus serviços à Revolução e pela sua lealdade ao Chefe. Dovbenko e os seus colegas leram o manuscrito, fizeram algumas alterações e declararam-se satisfeitos.

Alguns dias mais tarde, uma fila de automóveis elegantes parou em frente da nossa fábrica. O “meu candidato”, de cuja existência tinha sido apenas vagamente informado até àquela data, saltou, cercado pelos seus guardas tchequistas e pelo séquito do Partido. Kuzmin era uma figura impressionante: um homem rude com a barba de um dia e com roupas usadas. A sua blusa russa bordada estava remendada no colarinho. Usava um boné de operário e botas do Exército Vermelho. Em suma, *chegava mascarado de proletário!*

Fiquei desgostoso pela farsa e corei à ideia da minha própria participação na imposição. Às 4 horas reuniu-se o “meeting” eleitoral, na praça principal de Pervouralsk. De todas as fábricas vizinhas chegaram delegações com as suas bandas e bandeiras. Contingentes da Juventude Comunista marcharam até ao estrado, levantando as suas vozes em canções robustas. A tribuna drapejada de vermelho estava adornada com os retratos de Estaline, Molotov, Kalinine, Vorochiloff e outros. Tomei o meu lugar no palanque, junto a Dvobenko, Osadchi, Kuzmin e outros importantes quadros, ao som de uma orquestra que tocava a *Internacional* e outros hinos.

À hora marcada desenrolei o meu discurso, louvando Kuzmin como “o melhor dos melhores”. O povo aplaudiu e as bandas fizeram eco da essa aprovação. Outros fizeram discursos em padrões semelhantes. Finalmente, o próprio Kuzmin levantou-se para agradecer ao povo pela sua “confiança” e para lhe garantir os seus devotados serviços, “se o elegessem”.

“Viva por muito tempo o cérebro, o coração, a força do Partido e dos povos soviéticos, nosso amado chefe e mestre, camarada Estaline!”, concluiu ele, e a música mais uma vez confirmou os aplausos.

Quando, deixando o palanque, nos encaminhámos para o jantar de gala que esperava os funcionários superiores, Kuzmin apertou-me a mão.

“Falou bem, camarada Kravchenko”, disse. “Obrigado, obrigado. Quando for a Moscovo vá ver-me; terei prazer em lhe poder ser útil”.

Não pude deixar de observar, quando apertámos as mãos, que as suas unhas estavam cuidadosamente arranjadas.

Pouco depois tive de ir a Moscovo para tratar de um negócio no qual Kuzmin poderia ser-me útil, se quisesse. Os seus escritórios eram amplos e sumptuosamente mobilados. Com certo espanto tive de esperar por longo tempo. Quando finalmente entrei no seu gabinete particular, deparei com um homem que só muito de longe se parecia com o espécime proletário do palanque de Pervouralsk. Kuzmin usava roupas europeias, onde se destacava uma gravata berrante. Não havia nem sinal dos modos negligentes do homem vulgar neste político tipicamente bem nutrido, bem tratado e bem aproveitado.

“De que se trata, camarada?” disse aborrecido, olhando-me vagamente. “De onde vem você?”

Só então compreendi, de chofre, que ele se tinha esquecido completamente do seu representante, o homem que o tinha recomendado à sua “eleição”. Era a nota final à farsa das eleições do Partido Único, sob a “Constituição mais democrática do mundo”.

3

Pouco tenho dito sobre a minha vida particular, nos Urais, e antes disso em Taganrog e Nikopol. Sou o primeiro a sentir a lacuna. Quase estou a ouvir o leitor dizer: será possível que os técnicos industriais soviéticos sejam meras máquinas, sem qualquer sentimento pessoal nas suas existências?

Seria exagero responder por uma franca afirmativa. Nós, os russos, somos um povo gregário, animado e conversador, e muito pronto a contrair amizades. Vivemos de coração aberto. E nesse ponto não sou nenhuma excepção.

O facto é que, durante esses anos, arranjei dezenas e mesmo centenas de amigos. É preciso pensar que, para milhares de homens e mulheres à minha volta, era uma pessoa importante, um dos escolhidos do Partido. Podia fazer favores. Sob o meu tecto encontravam abundância e conforto — coisas e condições que faltavam tragicamente a todos, salvo a um pequeno punhado de eleitos. O meu padrão de vida era modesto, mesmo deficiente, quando comparado com as pessoas da minha posição na América. Mas em Nikopol, Taganrog, Pervouralsk ou mesmo Moscovo, estava tão acima da média, tão longe do padrão da classe trabalhadora, que parecia viver num mundo à parte. Poucos daqueles que pareciam invejar os seus novos chefes, *novi barii*, bem pagos, ou que consideravam os tristes esplendores da nossa vida, faziam ideia do peso do temor, da falta de liberdade pessoal e da dependência profissional, do tormento e das condições de incerteza em que gozávamos as nossas regalias.

Sim, arranjei amigos, e mesmo uma ou outra vez um romance se esgueirou pela minha porta. Mas, olhando para trás, a soma total dessas coisas parecia lamentavelmente pequena. Para homens da minha posição, durante esse período, as relações humanas eram todas em escala menor, asfixiadas pelo excesso de trabalho e pelo alarido da política militante. Fagulhas de romance não tinham probabilidade de se manter, contra os ventos do terror. Poucos de nós se sentiam estáveis, enraizados. Os nossos dias pareciam apressados e transitórios — meras etapas para outros encontros ou para uma súbita extinção. Ao arranjar amigos, tínhamos o sentimento efémero dos passageiros que se encontram rapidamente na plataforma das estações antes de embarcar em direcções opostas.

Isto, porém, só conta uma parte da história. Se os anos parecem tão vazios, apesar dos seus clamorosos acontecimentos, é porque vivia num vazio espiritual. Tendo perdido a fé na Grande Experiência, nada me prendia — nada senão o trabalho e a vaga e improvável esperança de me evadir. Como era possível conservar dignidade interior, quando o capricho de algum Poo-Bah em Moscovo ou o zelo de algum membro do Partido Local ou funcionário de polícia podiam suprimir a nossa personalidade sem a mais vaga advertência? Como guardar o respeito de si próprio sob milhares de olhos de espíões vulgares e frequentemente maldosos?

Houve um momento em que invejei a vida familiar de alguns colegas e imaginei se não seria mais feliz com uma mulher e filhos. Mas o pressentimento de como deve ser muito mais trágica a prisão para um marido e para um pai logo me curavam da inveja. No pouco tempo livre de que dispunha, costumava ir a Sverdlovsk assistir

à ópera e ao teatro. Também li muita literatura para meu próprio divertimento, e muitas obras políticas e económicas como uma obrigação partidária; ninguém poderia ficar atrasado no conhecimento de Lenine, Estaline, Marx, Engels.

Os Kolpovsky — Constantino Mikhailovich, que eram o nosso engenheiro-chefe, a sua bela esposa Vera, e Ninnochka, a sua filhinha de 7 anos — era um grupo familiar que despertava a minha nostalgia de uma vida doméstica normal. Pareciam tão integrados num amor natural, sem dramaticidade, que não era possível pensar num deles sem logo supor os outros. Costumava visitá-los de vez em quando, e para a pequena Ninnochka tornei-me o tio Vitya, com os privilégios e as obrigações desse parentesco afectivo.

Quando Kolpovsky foi a Moscovo tratar de negócios, pelos fins do Verão, pediu-me que olhasse pela sua família. Na véspera da sua chegada, à noite, Vera e a menina estavam em minha casa a tomar chá e a mastigar *zakuski*. Constantino Mikhailovich tinha partido há cerca de duas semanas e a sua família não podia esconder a alegria e a excitação pelo dia seguinte. Não falavam noutra coisa.

Convidei o director Osadchi para vir também e pouco depois ele chegava. Cumprimentou a senhora Kolpovsky e a pequenina de uma maneira um pouco nervosa e como que ressentida, como se a sua presença o perturbasse. Não dei importância às suas maneiras; provavelmente mero reflexo de aborrecimentos do trabalho. Logo depois, porém, encontrou uma desculpa para me levar à varanda. Estava uma noite suave, cheia do perfume agudo dos pinheiros na floresta em torno.

“Porque não me preveniu que as Kolpovsky estavam aqui?” perguntou-me em voz baixa e tensa.

“Que pergunta! Que mal há nisso?”

“Você não compreende, Victor Andreyevich. A situação é bastante delicada, porque Kolbin me contou, em grande segredo...”

“Contou-lhe o quê?”

“Bem, não diga nada a ninguém, mas penso que deva saber. Kolbin e alguns agentes do NKVD de Sverdlovsk devem tomar o expresso de Moscovo a Sverdlovsk amanhã. Têm ordens de prender Kolpovsky”.

“Não pode ser! Pobre Vera, pobre Ninnochka! Mas porquê, porquê?”

“Isso nem você nem eu sabemos. Você sabe como é. Mas é melhor entrarmos, porque elas podem reparar”.

Dentro de poucos minutos, Osadchi murmurava uma desculpa e deixava-nos. Vera e Ninnochka ficaram ainda por uma hora, alegres, esfuziantes, impacientes pelo dia de amanhã e cheias de planos para a sua viagem a Sverdlovsk.

“Constantino finge sempre que não nos espera e manifesta sempre uma grande surpresa”, riu Vera.

“Sabe, tio Vitya, o papá vai-me trazer certamente uma bonita boneca, livros de figuras, bombons e muitas outras coisas”, disse Ninnochka. Abraçou-me na sua exuberância. “É o melhor papá do mundo e vou arranjar um ramo de flores selvagens para ele. Vou colhê-las eu mesma”.

Tive de usar de toda a minha energia para manter a compostura e fingir que compartilhava a sua felicidade. Quando, finalmente, partiram, caí exausto numa

cadeira. A ideia do que as esperava oprimia-me o coração. Não teria valido de nada preveni-las e só poderia ter complicado a posição de Osadchi e a minha própria.

Cerca da meia-noite tocou o telefone.

“Victor Andreyevich, aqui é Kolbin. Pode emprestar-me o seu “Ford” para amanhã? Tenho de ir com urgência a Sverdlovsk”.

“Não, sinto muito, Kolbin, vou precisar dele”, repliquei bruscamente.

“Mas você tem outro carro. Aliás, esta chamada é uma formalidade — eu já tinha o consentimento de Osadchi”.

Saber que o meu próprio automóvel tinha levado para a estação um dos investigadores veio aumentar o peso da minha tristeza na manhã seguinte. Mesmo enquanto trabalhava, uma parte do meu espírito considerava a cena cruel. E a minha imaginação não estava muito longe da realidade. A cena foi-me descrita com júbilo indisfarçável pelo próprio Kolbin.

Quando o comboio chegou, mãe e filha estavam à espera. Tinham posto os seus melhores vestidos, sorridentes e felizes, as mãos cheias de flores.

“Aí está ele!” gritou Ninnochka, e correram em direção a Kolpovsky, que assomava, carregando duas malas de mão. Era um belo homem, de ombros largos, com espessos cabelos negros. A sua face iluminou-se com um sorriso alegre ao olhar para as suas “duas meninas”, como sempre as chamava.

Entretanto, três agentes de uniforme do NKVD, com revólveres na mão, puseram-se de permeio. Informaram o estarecido engenheiro de que estava preso, pegaram nas suas malas e arrastaram-no para um carro fechado que os esperava. Nem lhe deram tempo de saudar e beijar a família. A senhora Kolpovsky e a menina choravam histericamente. Um agente do NKVD seguiu no automóvel com elas — a sua casa tinha de ser revistada antes que pudessem pensar em “esconder” alguma coisa.

Depois disso, ninguém ousava aproximar-se da mulher de Kolpovsky e as companheiras de Ninnochka troçavam dela com a crueldade de crianças. “O teu pai é um inimigo do povo e não queremos mais brincar contigo”, cantavam em coro. Lembrava-me com horror do tempo, muito remoto, quando os rapazes de Yekaterinoslav troçavam de mim porque o meu pai estava na prisão. Os Kolpovsky foram naturalmente expulsos da habitação na fábrica. A prisão do engenheiro-chefe alarmou todo o corpo técnico da fábrica. Boatos de toda a espécie corriam de oficina em oficina. Como tinha estado em íntimas relações profissionais com Kolpovsky, a minha prisão era esperada de um momento para o outro. Na verdade, fiquei espantado de que isso não ocorresse. Até este momento não tenho a mais vaga ideia daquilo de que era acusado. O seu trabalho era ao mesmo tempo competente e leal, parecia totalmente dedicado às suas funções de engenheiro, era membro do Partido, embora quase totalmente indiferente à política.

Soube mais tarde que, ao fim de alguns meses de prisão, Kolpovsky fora “reabilitado” e mesmo restaurado como membro do Partido. Fez uma grande carreira na sua profissão e mais tarde foi mesmo condecorado pelo governo. Mas o período de sofrimento tinha-lhe minado a saúde. A sua antiga vivacidade, a sua velha alegria de viver já não existiam.

Para quem a observa de fora, a história individual de um funcionário soviético só pode ter a verdadeira dimensão da realidade se o cenário não for riscado nem esquecido: o cenário das massas humanas meio-famintas, andrajosas, desprezadas e sofredoras, bem como de liberdades políticas e económicas simplesmente negadas.

Raro era o dia em que não vinham até mim algum trabalhador e sua mulher, com histórias de doença e de pobreza. Fazia o que podia, e que era sempre lamentavelmente pouco. Por vezes conseguia no mercado negro obter um par de sapatos ou um fato de trabalho para alguém muito necessitado. De vez em quando punha em movimento os serviços hospitalares, quando estava em jogo a vida de uma criança. Mas os males eram profundos e numerosos demais, já não digo para serem sanados, mas apenas mitigados, pelos esforços de alguns poucos funcionários aqui e ali. O pior de tudo, quando lanço os olhos para esse passado, é lembrar que o sofrimento do povo era dado como inevitável. Aceitavam-no como facto natural e obrigatório como a lama e a inclemência do clima dos Urais.

Apesar das medidas oficiais para prender os trabalhadores aos seus empregos, a nossa rotação no trabalho era chocantemente elevada. Na minha própria oficina, desapareciam mensalmente 200 a 300 pessoas. O que isso representava para a continuidade e eficiência da técnica não precisa de ser demonstrado.

Só com uma melhoria nas condições de habitação poderia ser resolvido o problema. O operário que juntava os seus pobres trastes e partia para procurar emprego noutro lugar era arrastado pelo desespero mais genuíno. É possível que lhe tivessem dito que noutro lugar poderia a sua família receber salários e rações mais elevados e dispor de um local mais asseado para viver. Mas os nossos novos chefes preferiam desdenhar as causas e lidar apenas com os efeitos. A propaganda oficial divulgou uma série de apelidos insultuosos para esses cidadãos que procuravam uma vida melhor. Alcinhavam-nos de vagabundos, desertores da frente de trabalho, elementos instáveis. E recomendavam uma dose maior do único remédio soviético para todas as queixas sociais: a força.

A medida tomou a forma de uma nova “caderneta profissional” para todos os trabalhadores. Embora prescrita para começar em 15 de Janeiro de 1939, a distribuição oficial desse novo documento começou algumas semanas mais cedo. A imprensa proclamou-a como prova “do crescimento e do êxito da classe trabalhadora, na sua lealdade para com a Pátria Socialista”. Embora decidida pelo Politburo e imposta às massas, que perceberam perfeitamente tratar-se de mais uma volta na chave das suas prisões, era apresentada como a própria arma dos trabalhadores na luta contra “os desorganizadores da produção”.

A caderneta profissional veio a ser para o trabalhador comum aquilo que a caderneta do Partido era para o comunista. Já não podia deixar o seu emprego sem uma menção escrita no livro que a isso o autorizasse. Não podia obter qualquer outro emprego, a menos que a caderneta mostrasse a autorização oficial de deixar o lugar anterior. Além disso, o documento trazia o registo permanente de todas as censu-

ras ou punições que o portador tivesse recebido pelo facto de chegar atrasado ao serviço, cometer enganos na produção, ou outras culpas. Estava assim o trabalhador condenado a carregar com o peso de todo o seu passado consigo mesmo e para sempre, para onde quer que fosse; já não tinha esperança de começar nova vida em qualquer outra cidade ou indústria.

Conversei com dezenas de homens e mulheres na fábrica de Novo-Trubni, aquando da emissão dessas novas cadernetas profissionais. Todos as odiavam sem qualquer excepção. O mais ignorante e simplório dos trabalhadores olhava para o plano como sendo um embuste oficial. Mesmo aqueles que não tinham intenção nenhuma de deixar o seu emprego se sentiam acoçados.

“Quem pensa em deixar uma fábrica se a vida ali é mais ou menos decente?” disseram-me muitas vezes. “De agora em diante, em que é que nos vamos distinguir dos homens dos campos de concentração espalhados por aí?”

Entretanto, segundo o bizarro costume soviético, as vítimas eram forçadas a aceitar as suas novas cadernetas não apenas de “boa vontade”, mas “com entusiasmo”. Não era bastante ser açoitados, tinham de beijar o chicote, de gritar hurra! Os funcionários sindicais dirigiram uma campanha educativa sobre as belezas da nova “disciplina”. Reuniram grandes concentrações, nas quais gente escolhida do Partido entre trabalhadores da fábrica vociferava sobre as novas bênçãos e nas quais eram adoptados, unanimemente decididos, votos de aprovação pré-fabricados no comissariado local, segundo o espírito das prescrições de Moscovo.

Uma comissão de investigação chegou à nossa fábrica, para verificar se a distribuição das novas cadernetas profissionais estalinistas tinha sido feita a contento. Sucedeu que um dos seus membros era um antigo colega meu do Instituto. À mesa da ceia, na intimidade dos meus próprios aposentos, viemos a falar das cadernetas. Tendo percorrido numerosas fábricas, o meu amigo parecia desiludido. O ambiente de ressentimento geral entre os operários tinha-o impressionado.

“Sim, eu faço discursos ardentes sobre essa nova realização soviética”, suspirou ele, “mas, Vitya, não falo sinceramente. A princípio carteiras policiais para os membros do Partido e agora bilhetes amarelos para os trabalhadores!”

É curioso que ouvi a mesma designação de outra fonte. Um dos meus assistentes veio ao meu escritório em serviço.

“Bem, Victor Andreyevich”, disse com um sorriso forçado, “pode felicitar-me. Como uma prostituta, acabo de receber o meu bilhete amarelo”.

Tendo conseguido uma certa estabilização dos proletários, o governo tomou então outra medida em direcção à plena realização do “socialismo”: determinou uma revisão nacional das normas do trabalho. Os sindicatos foram novamente encarregues da propaganda e a revisão de cada caso era feita naturalmente em nível superior. Mas uma vez em concentrações públicas, os operários das nossas várias secções adoptaram deliberações que alargavam “voluntariamente” as suas quotas de trabalho, o que significava na verdade baixar os próprios salários. Os jornais de Pervouralsk mostraram-se líricos ao descrever o grande entusiasmo do momento, embora nenhum dos presentes tivesse visto outra coisa senão a rotina de levantar as mãos ou de bater palmas.

Tendo amarrado os trabalhadores às suas máquinas, exigido mais trabalho pelo mesmo pagamento, estávamos prontos para a próxima e mais humilhante prova da dignidade do trabalho sob a ditadura do proletariado. Primeiro veio uma clamorosa e vasta propaganda sobre o tema da preguiça e falta de pontualidade ao trabalho. Em várias cidades realizaram-se “demonstrações experimentais” contra os preguiçosos. O proverbial homem de Marte, se houvesse descido nesse tempo e naquele lugar, teria ficado convencido de que nós, russos, éramos uma nação de vagabundos, a espreguiçarmo-nos em colchões de penas até que o Sol estivesse alto; na nossa vagabundagem teria visto uma explicação simples para as evidentes e clamorosas deficiências.

Foi depois disto que veio o édito draconiano sobre o “reforço da disciplina socialista do trabalho”. É bom que os inocentes estrangeiros que dizem ver na Rússia a “democracia económica” e a “sociedade dos trabalhadores” estudem esse aviso. Julguem se os trabalhadores oprimidos nas suas nações obscuras tolerariam tal tratamento.

A nova lei estabelecia que quem chegasse ao trabalho com mais de 20 minutos de atraso seria automaticamente denunciado ao promotor local. Seria então julgado e, se considerado culpado, condenado a prisão ou a trabalhos forçados. Com medo de que funcionários “bondosos” dos tribunais locais pudessem ser condescendentes, o decreto tornava obrigatória a prisão e a punição para fiscais ou outros que deixassem de denunciar ou protegessem de qualquer modo os criminosos por falta de pontualidade! Só doença grave, formalmente atestada por um médico da fábrica, ou a morte de algum membro da família eram justificações aceitáveis. O simples facto de adormecer ou de dificuldades de transporte não podiam servir como desculpa.

Durante os meus anos de administrador industrial tinha visto muitos golpes abaterem-se sobre as cabeças dos infortunados trabalhadores; nenhum deles era, porém, tão incrível, tão espantoso, como este. A princípio, muita gente julgou que esse édito era violento demais para ser posto em execução; logo, porém, compreendemos que Estaline estava acochado pela necessidade. Vinte minutos era a margem entre a escravidão limitada dos trabalhadores “livres” e a escravidão total dos contingentes de trabalho forçado.

Cada manhã, uma lista dos atrasados, com o número exacto de minutos da sua falta de pontualidade, era colocada sobre a minha mesa. Os escritórios do Partido e do sindicato da fábrica recebiam cópia desse documento. Eu não tinha outra alternativa senão assiná-lo e remetê-lo ao director, que por seu turno o enviava ao promotor. Os criminosos eram imediatamente convocados para uma audiência do tribunal. Custou-nos a acreditar que homens que ganhavam o pão de cada dia pudessem ser de facto arrancados das suas famílias, condenados a um ano ou mais de trabalhos forçados, por motivos tão frívolos. Estávamos, porém, redondamente enganados. Além das advertências contidas na própria lei, tinham os tribunais recebido instruções cominativas para serem impiedosos. Cumpriam o seu dever, embora poucos dos promotores e juízes pudessem esconder o seu próprio constrangimento.

Durante os primeiros três meses, por toda a Rússia, cerca de um milhão de trabalhadores e empregados eram levados ao banco dos réus por preguiça e por

excederem os vinte minutos de tolerância, e muitos deles foram condenados! Pais e mães foram arrancados dos seus lares, deixando os filhos morrerem à fome ou serem postos em orfanatos, por terem dormido um pouco mais ou porque a sua doença não fora julgada bastante séria pelos médicos oficiais. Nas minhas oficinas, dezenas de trabalhadores eram condenados diariamente. Um grande lamento de tristeza e desespero levantou-se sobre os barracões sombrios e sobre as casas de habitação, embora não fosse suficientemente alto para alcançar os ouvidos do Politburo. Até hoje esse brado não foi ouvido pelos idiotas que procuram estender as bênçãos de tal “democracia económica” às outras nações e povos.

Veio ver-me um velho operário, que conhecia como homem competente e assíduo. Chorava. Antes que falasse já sabia do que se tratava. Tinha visto o seu nome na lista diária da tristeza.

“Atrasei-me meia hora”, admitiu ele. “Mas sou um velho; estas mãos trabalharam quarenta anos. Que será de minha mulher e de meus filhos? Ajude-me, ajude-me, camarada director”.

“Porque chegou tarde?”

“Tive uma grande dor de dentes. Fiquei acordado a noite inteira. Finalmente, de madrugada, consegui dormir e não acordei a tempo. Corri para a fábrica quase sem me vestir, como se todos os demónios me estivessem a perseguir. Mas não consegui chegar a tempo”.

“Acredito em você, camarada, mas não tenho outro remédio. Se tirasse o seu nome da lista, iria eu mesmo para a prisão. O máximo que posso fazer é mandar um bilhete ao médico, pedindo que o ajude”.

Escrevi o bilhete. Mas evidentemente o médico olhava também para a própria pele. O velho foi mandado ao banco dos réus.

Uma operária empurrou os meus secretários e entrou no escritório. Chorava abertamente, como uma camponesa.

“Sente-se e procure dominar-se”, disse eu.

Parece que tinha chegado quase com uma hora de atraso e já tinha recebido uma advertência do tribunal. Era viúva e, com o seu trabalho na fábrica, sustentava dois filhos, uma menina de 11 anos e outra de 2. A filha mais velha, explicou-me, estava muito doente; mandara vir um médico, mas enquanto ele vinha e examinava a doente ela verificou que chegaria tarde ao trabalho.

Prometi falar ao médico. Infelizmente, na sua opinião, a pequena não estava tão doente quanto o imaginara a mãe amorosa. Em consciência, não podia atestar que a doença justificasse a falta de pontualidade. A mãe foi condenada a trabalhos forçados na própria fábrica.

Noutro caso o trabalhador justificou-se por não possuir relógio e ter o hábito de guiar-se pelo Sol. Certa manhã nublada e excepcionalmente escura era responsável pela sua falta. A explicação não o salvou.

Tornou-se evidente que a cura da falta de pontualidade era apenas um dos objectivos do decreto draconiano. O outro fim, porventura o mais importante, era a expansão do trabalho forçado. Os tribunais tinham ordens espe-

cíficas. O maquinismo da “justiça” trabalha de modo eficiente: num dos extremos eram empurrados os trabalhadores livres às dezenas e centenas de milhares e no outro extremo começavam a aparecer os trabalhadores forçados recentemente forjados.

Estas rigorosas medidas disciplinares contra o homem comum, destruindo os últimos resquícios da sua dignidade humana, coincidiram com um inverno excepcionalmente rigoroso. Os escravos das colônias do NKVD dos Urais trabalhavam ao ar livre, apesar do frio brutal, congelados, gangrenados, deformados. Nos campos de concentração vizinhos, homens e mulheres frequentemente gelavam até morrer nas florestas, nas barracas não aquecidas, por detrás do arame farpado. Nos nossos alojamentos era intenso o sofrimento. Em suma, Pervouralsk não era precisamente uma instalação alegre no nosso louvado “trabalho socialista”.

Por esse motivo, as notícias de Moscovo, segundo as quais ia ser transferido para outra empresa, foram bem-vindas. Havia pelo menos a ilusão de que, noutro lugar, as circunstâncias fossem, se não melhores, pelo menos não tão miseráveis.

Há muitos meses que a indústria metalúrgica vinha sendo agitada pelas notícias de uma grandiosa instalação para a fabricação de canos na Sibéria, mais propriamente em Stalinsk (anteriormente Kuznetzh), onde já havia em laboração novas e gigantescas instalações industriais. Representaria o investimento de um capital de mais de 100 000 000 de rublos. Segundo a moda soviética, os planos já tinham sido divulgados teatralmente muito antes. Eu já ouvira notícias e lera a propaganda a esse respeito, sem maior interesse pessoal, mas bruscamente tudo isso se concentrou sobre mim. Sem consultar as minhas preferências, o Comissariado e o Comité Central do Partido escolheram-me para dirigir toda a construção dessa nova fábrica de Stalinsk.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1	
Fuga na noite	5
CAPÍTULO 2	
Uma infância russa	10
CAPÍTULO 3	
Glória e fome	25
CAPÍTULO 4	
Juventude entre os vermelhos	41
CAPÍTULO 5	
Ruptura com o passado	58
CAPÍTULO 6	
Estudante em Kharkov	67
CAPÍTULO 7	
A máquina triunfa	83
CAPÍTULO 8	
O terror na aldeia	100
CAPÍTULO 9	
Uma colheita no inferno	119
CAPÍTULO 10	
Primeira depuração	142
CAPÍTULO 11	
O segredo de Eliena	158
CAPÍTULO 12	
Engenheiro em Nikopol	177
CAPÍTULO 13	
Mais depressa, mais depressa!	197
CAPÍTULO 14	
Segunda depuração	214

CAPÍTULO 15	
Começa o meu suplício	228
CAPÍTULO 16	
Em busca da justiça	245
CAPÍTULO 17	
Tortura na madrugada	262
CAPÍTULO 18	
Trabalho livre e trabalho escravo	283
CAPÍTULO 19	
Enquanto se escreve a história	303
CAPÍTULO 20	
Mistificação siberiana	322
CAPÍTULO 21	
Enquanto a Europa luta	339
CAPÍTULO 22	
A guerra imprevista	360
CAPÍTULO 23	
Pânico em Moscovo	380
CAPÍTULO 24	
O Kremlin em tempo de guerra	400
CAPÍTULO 25	
As duas verdades	419
CAPÍTULO 26	
Prelúdio à América	442
CAPÍTULO 27	
Os súbditos de Estaline no estrangeiro	460
CAPÍTULO 28	
Foragido da injustiça	479
Post-scriptum	486

